

O SUBSTANTIVO COMO SIGNO ORIENTADOR DO SENTIDO UM TEMA PARA AULAS DE PORTUGUÊS

Maria Noêmi Freire da Costa Freitas
freitas.noemi@gmail.com

1. *Justificativa*

Ao nomearmos as coisas, atribuímos-lhes valores conforme as nossas impressões, as quais são frutos de nossas experiências pessoais e coletivas. Representamos, através do nome, a idéia que temos dos objetos. (...) O nome tem (...) dois modos de significar: um que lhe é estável, convencional, permanente (e se inscreve nos dicionários); outro que é recriado na enunciação, num processo de reavaliação do signo e reconstrução ideológica do objeto. Esse processo é carregado de historicidade e subjetividade.

(FREITAS, 2008, p. 14)

Nessa perspectiva, o substantivo passa a ser visto como um constituinte modalizador do discurso que, como tal, contribui para a produção dos sentidos. Disso decorre a necessidade de investigá-lo como componente enunciativo – a enunciação aqui concebida como “acontecimento”, em suas “dimensões sociais e psicológicas” (cf. CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p. 193) – para o desenvolvimento de uma leitura crítica e eficiente.

Investigar os componentes enunciativos que participam da produção de sentidos é investigar, de certo modo, a iconicidade. A *iconicidade verbal* pode fazer do substantivo um signo orientador de sentidos que cabe ao leitor interpretar. Por isso, os aspectos constitutivos da iconicidade devem ser observados e trabalhados em aulas de Português, em lugar da noção de *classe objetiva*, que é um modo de considerar o substantivo como um mero “rótulo” ou “nomenclatura”, como se costuma tratá-lo.

2. *Introdução*

Esta apresentação resulta da pesquisa que vimos realizando há alguns anos e que constituiu a nossa dissertação de mestrado (defendida em março de 2008, na UERJ, sob a orientação da Profa. Dra. Darcília

Simões), com o título *Cigarras, Formigas, Severinos & Cia: Um Olhar Atento para a Iconicidade do Substantivo*, a qual temos procurado atualizar e ampliar, com vistas à produção de um projeto para o doutorado. Neste trabalho, pretendemos demonstrar e valorizar a contribuição deste estudo para o ensino da gramática associada à interpretação de textos. Concentraremos o nosso foco no desenvolvimento de uma visão do aspecto icônico do substantivo – tendo em vista a seleção vocabular-, aplicável especialmente às classes de 6º ano do ensino fundamental, que é, geralmente, quando se promove uma revisão do estudo das classes de palavras.

3. *A iconicidade do substantivo*

O substantivo é um signo. Na visão triádica do signo de Peirce, o substantivo é provido de iconicidade, como todo signo. Nessa trilha, Simões (1999, p. 32) trata a iconicidade verbal como “material de produção sgnica sensível”, um “representâmen provisório, relativo, resultante de um juízo particular que poderá ser referendado ou não por outro intérprete”, mas que é capaz de produzir interpretações bastante razoáveis. Essas interpretações dialogam com os dados contextuais (intra e extratexto) que interagem na produção de funções e valores sgnicos.

Por essa ótica, é possível resgatar o caráter simbólico da linguagem, ou seja, a sua condição de produto histórico-ideológico que reflete a participação dos sujeitos na construção da realidade social.

4. *O aspecto dinâmico do substantivo*

Tratar o substantivo como mero rótulo ou nomenclatura significa tratá-lo apenas como *índice*, categoria peirceana de secundidade. O que buscamos é a visão do substantivo como *signo icônico*, que é a categoria peirceana de primeiridade, a qual põe em evidência o aspecto dinâmico do significado, importante para uma construção mais efetiva dos valores sgnicos.

5. *Fundamentação teórica*

Fundamentamos os nossos argumentos na semiótica de Peirce – especialmente na visão de Lúcia Santaella e na perspectiva da iconicida-

de verbal de Darcília Simões – e na compreensão dialógica do signo ideológico de Bakhtin.

6. Entendendo a iconicidade

Na compreensão triádica do signo de Peirce, a abertura da base do triângulo indica um potencial ilimitado de semiose, onde entram em luta os múltiplos interpretantes, no processo de atualização do significado. Nessa perspectiva, a iconicidade é a instância dessa luta dos interpretantes do signo, da qual resulta um interpretante final, porém não definitivo (cf. SANTAELLA, 2002, p. 41).

7. O aspecto funcional

A iconicidade do substantivo é um elemento da “plasticidade textual” que deve ser investigado como “pista de leitura” (nos termos de Simões), porque contribui para a produção de sentidos dos textos e está relacionada com os aspectos cognitivos dessa atividade.

8. Semiose ilimitada?

A semiose ilimitada, expressa na base pontilhada do triângulo semiótico de Peirce, já questionada e discutida por alguns teóricos, interessa-nos não pela infinitude de significados que possa suscitar, mas porque permite uma expansão das possibilidades de sentidos condizente com a nossa crença no aspecto dinâmico da linguagem.

9. A natureza dialógica da linguagem

O dinamismo da linguagem está diretamente relacionado com a sua natureza dialógica. Neste ponto, recorremos a Bakhtin (1979), para quem: “Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra” (BAKHTIN, 1979, p. 20). O signo carrega-se e recarrega-se das ideologias presentes na interação. Sujeito aos mais diferenciados critérios de avaliação, seus sentidos podem ultrapassar as suas próprias particularidades, resultando, desse modo, na produção de *metáforas ideológicas* que passam a orientar os sentidos dos textos em que se apresentam.

10. A seleção

A iconicidade é a categoria peirceana da qualidade (Cf. SANTA-ELLA, 2004) responsável pela atribuição de valores aproveitada na produção da metáfora. É a categoria que determina o potencial atributivo do substantivo que interfere na escolha do nome. Do ponto de vista da relação entre a língua, vista como sistema abstrato de possibilidades, e a língua quando tomada como realidade concreta, Bakhtin (1979, p. 118-122) atesta o aspecto *apreciativo* da palavra. Segundo ele, toda enunciação compreende uma *orientação* apreciativa, e: “É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém, ao mesmo tempo, um sentido e uma apreciação” (BAKHTIN, 1979, p. 120).

Considerado como signo, em dado contexto, o substantivo reconhece-se imediatamente pelo seu valor icônico, apreciativo, atributivo, e a sua escolha é determinada por uma espécie de relação metafórica com o objeto que se quer representar.

11. A combinação

Consideremos, a esse respeito, não o problema da organização sintática, mas a formação de ‘isotopias’, que são trilhas textuais icônicas de orientação do sentido. Vejamos o destaque de Simões (2009, p. 89) sobre a *iconicidade isotópica*:

No plano da análise de textos em geral, a iconicidade isotópica se faz no rastreamento de palavras e expressões que possam sustentar esse ou aquele tema. A garantia dos recortes isotópicos propostos para esse ou aquele texto se assenta exatamente na possibilidade de identificação de itens léxicos (palavras ou expressões) que constituam campos lexicais ou campos semânticos que ratifiquem a opção temática proposta.

Desse modo, a seleção vocabular de um texto participa da constituição de isotopias, ou seja, das redes de significação icônicas que têm a função de sustentar as interpretações, ambicionadas ou não pelo projeto do texto.

Para Simões (2006-2), “a língua é um sistema semiótico e seus componentes, ainda que regulados pelas gramáticas, estão sujeitos às indiosincrasias individuais materializadas nas opções estilísticas”. Ela lembra que “as normas existem para regular um padrão de produção ao alcance da média de utentes” (SIMÕES, 2009, p. 93), mas que “há fórmulas não previstas e surpreendentes que enriquecem a expressão e am-

plificam o potencial semiótico do texto: ora pela escolha do item sígnico mais apropriado ora pelo arranjo mais estratégico dos signos” (SIMÕES, 2009, p. 93-94), ou seja: as isotopias.

12. Alta e baixa iconicidade

Levando em conta a flexibilidade original dos signos, Simões (2009, p. 93-96) apresenta uma proposta de interpretação do potencial comunicativo dos textos, de acordo com a eficácia do gerenciamento da ação do intérprete, promovido pela seleção dos signos adequados ao cumprimento do projeto inicial do autor. Assim, quando a superfície textual apresenta abundantes elementos orientadores em relação a esse projeto inicial, conclui-se ser o texto de *alta iconicidade*. Caso contrário, será um texto de baixa iconicidade. Assim, é importante, na leitura, observar também a qualidade dos itens lexicais selecionados e combinados, em relação à proposta textual.

13. Exploração do aspecto dinâmico na gramática do Professor Bechara (1999)

Na parte “Estrutura das unidades: análise mórfica” (p. 333 e seg.), após a análise dessas estruturas sob várias perspectivas, Bechara conclui – lembrando Coseriu – que, para o aspecto funcional, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do “conteúdo” é mais ajustado ao seu objeto e lembra que “A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas...” (p. 391). – (Bakhtin foi ainda mais longe: “Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra mais nada.” – Bakhtin, 1979, p. 21).

Nesse caminho, Bechara atribui à formação de palavras não só os fatos gramaticais que conhecemos, mas também funções “paragramaticais”. Dá como exemplo disso a formação de “coletivos” (*arvoredo, laranjal, casario*, etc.), que implica uma pluralização que não se trata de simples “plural” (*árvores*), mas “de uma pluralização que se dá e se considera como unidade” (p. 392). Nota-se um conteúdo implícito nos exemplos dados, que já remetem para algo que está além da “gramática que conhecemos”, como diz o autor.

Quando diz “paragramaticais”, Bechara está se referindo a uma “gramática do léxico”, que apresenta, segundo ele, “funções gramaticais

distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe” (p. 392). Essa visão de Bechara pode ser observada em algumas passagens da sua *Gramática*, com as referências que faz ao nosso conhecimento de mundo e à história das palavras. É uma visão, sem dúvida, mais sensível ao dinamismo semântico do que costumamos ver. Mas o fato de estar presa a um modelo de signo baseado em Saussure, ou seja, um modelo em que o signo tem apenas duas faces – *significante e significado* – e que não leva em conta o conteúdo ideológico, a enunciação e a interação – componentes do *enunciado concreto* de Bakhtin e constituintes da iconicidade verbal fundamentada no signo de Peirce – limita a análise a critérios predominantemente *formais e denotativos*.

Substantivo comum é, para Bechara, “o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúne características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papá*”. Ele destaca que alguns são individualizados pelo contexto extralinguístico e são, por isso, muitas vezes, escritos com maiúscula inicial (*Lua, Sol* etc.), como nos nomes próprios. E que também há nomes que fazem referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome e são, na realidade, nomes da “classe” (*os Antônio, as Marias, os Pelés*) – embora se escrevam com iniciais maiúsculas, são nomes comuns.

Bechara dedica uma parte da descrição à passagem de alguns nomes próprios a comuns, que se dá pela transferência de qualidades e defeitos de um indivíduo a um grupo mais numeroso de seres. Exemplifica esse caso com o nome próprio *Judas*, de um dos doze apóstolos de Jesus, aproveitado para designar *o amigo falso, o traidor*, por essa qualidade, em “Fulano é um Judas”, por exemplo. E enumera vários outros.

Na visão semiótica que adotamos, esse processo de transferência é uma espécie de construção metafórica, ou seja, é possível graças à iconicidade do nome, na qual se destaca uma qualidade, que é aproveitada, por similaridade imagética, para a construção de um novo signo, icônico por natureza.

O autor destaca outra subclasse dos substantivos, relacionada com a variedade da sua extensão, a qual pode ser: descontínua e discreta ou contínua: são os contáveis (*homem, mulher, casa, livro*) e os não contáveis (*oceano, vinho, bondade* e os coletivos).

Na parte de gênero do substantivo, Bechara destaca a informação de que a oposição masculino-feminino faz alusão a outros aspectos da re-

alidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma não marcada semanticamente enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco/barca (=barco grande)
jarro/jarra (um tipo especial de jarro)
lobo/loba (a fêmea do animal chamado lobo)

O autor adverte, seguindo Herculano de Carvalho, que essas marcas não são de *flexão*, mas de *derivação* (são sufixos), e que a analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo/bela* e *menino/menina*. Na flexão, não há mudança na significação inerente da palavra, e o simples fato de indicar “macho” ou “fêmea” já é mudança na significação.

Comenta, também, a adaptação do idioma às novas realidades sociais, na criação de formas femininas para os nomes de profissões que antes eram exclusivas dos homens (*embaixadora*, *senadora*), o gênero estabelecido por palavra oculta (*O [rio] Amazonas*) e a mudança de sentido na mudança do gênero (*a cabeça: parte do corpo/o cabeça: o chefe*).

Em “Variações semânticas do significado entre o singular e o plural” (p. 124), Bechara acusa a mudança de significado em substantivos abstratos em sentidos contextuais: *bem* (o que é bom) / *bens* (propriedades) e *féria* (produto do trabalho diário) / *férias* (dias de descanso).

Todos esses aspectos contemplados por Bechara são aspectos dinâmicos da significação que participam da iconicidade dos substantivos e raramente são vistos em outras gramáticas.

14. Um aspecto observado por Celso Cunha e Lindley Cintra (1985)

Os autores chamam atenção para a gradação do significado, na expressão do grau: uma significação exagerada ou intensificada, disforme ou desprezível, no aumentativo: *chapelão*, *bocarra*, *chapéu grande*, *boca enorme*; atenuada ou valorizada afetivamente, no grau diminutivo: *chapeuzinho*, *boquinha*, *chapéu pequeno*, *boca minúscula*.

Também reconhecem os valores expressivos nas ideias de desproporção, disformidade, brutalidade, grosseria ou de coisa desprezível, que os sufixos aumentativos “de regra”, dizem eles, apresentam, e que também se vê com o emprego dos sufixos diminutivos.

Esses aspectos afetivos da linguagem são conteúdos dinâmicos que também devem ser interpretados na ótica da iconicidade verbal.

15. *Exploração em material didático*

No livro didático de Dileta Delmanto e Maria da Conceição Castro: *Português: Ideias e Linguagens*, da Editora Saraiva, 2009 – 6º ano, encontramos algumas sugestões de textos e exercícios muito apropriados para a exploração do tema da iconicidade do substantivo e da conceitualização dessa classe de palavras. Seleccionamos alguns para a análise que apresentaremos a seguir.

- 1- O primeiro caso (p. 90), que queremos destacar, é um exercício em que se propõe decifrar o maior número de adivinhas a partir de uma associação metafórica, ou seja, pela explicitação das qualidades imagéticas que se associam ao objeto idealizado e desafiam o leitor a encontrar o nome que responde a cada enunciado, por uma relação de identidade com essas qualidades.
- **Qual é o bicho mais parecido com o gato? (a gata)** – Neste caso, deve-se lembrar, conforme comentamos no corpo do trabalho, que Bechara (1999) considera a formação do feminino um processo de *derivação* (e não *flexão*) – na qual ocorre mudança na significação inerente da palavra: para o autor, o simples fato de indicar “macho” ou “fêmea” já é mudança na significação. Neste caso, o adivinhador, que faz um esforço para buscar no seu imaginário e na sua memória algum animal felino que possa estar no imaginário de quem formulou a pergunta, é “trapaceado” pela ideia de flexão, ou seja, pela ilusão de o referente de “gata” ser o mesmo de “gato” e, portanto, constituir uma resposta impossível, e recorre a outra espécie animal felino (tigre, leopardo, onça etc.). Ora, se o fato de o processo de formação do substantivo feminino ser derivação indica a mudança na significação da palavra (e vice-versa), ou seja, se o referente de “gato” não é o mesmo de “gata”, considerada como outro “objeto” na realidade, então, o animal mais parecido com o gato é a gata. O desconhecimento desses conceitos gramaticais desorienta o adivinhador e o leva à resposta errada. Esta é a “brincadeira”, uma ótima oportunidade de discutir a questão.

Outras adivinhas oferecem dados mais descritivos da constituição icônica dos nomes desejados como respostas – são os casos seguintes):

- Enche uma casa completa /Mas não enche uma mão/ Amarrado pelas costas/ Entra e sai sem ter portão. (botão)
 - Tem olhos mas não vê/Tem boca mas não fala nem come,/Tem braços mas não abraça/ Tem mãos mas não pega/ Tem pés mas não anda.
- 2- O exercício seguinte (p. 84) propõe que o aluno dê nomes próprios a personagens conhecidos dos contos de fadas, a partir das suas características, evitando nomes muito conhecidos, como *José, Pedro, Maria*, que já perderam a carga semântica que lhes possa ter motivado. A proposta incentiva o uso da imaginação e do humor:
- Que nome você daria para: a) O lobo mau da história de Chapeuzinho Vermelho? b) A avó de Chapeuzinho? c) O príncipe da Branca de Neve? d) O patinho feio da história infantil? e) A madrasta da Branca de Neve?
- 3- A seguinte tirinha, apresentada na seção “Divirta-se” (p. 103), apela para a desconstrução e reconstrução do referente do substantivo *amor*, na dinâmica da significação:



King Features Syndicate/Intercontinental Press

- 4- Os quadrinhos do Ziraldo apresentados na p. 90 do referido livro discutem a importância dos nomes e a motivação associada ao conhecimento de mundo. E contribuem para a construção do conceito de substantivo (veja na página seguinte).
- 5- A motivação de alguns nomes próprios é apresentada e posta em discussão numa variedade de textos, como no gráfico: *Arqueologia dos nomes* (p. 75), do qual constam os indicadores de quem escolheu os nomes dos pesquisados, dos motivos da escolha, do que os entrevistados acham do próprio nome e de qual é a influência dos nomes na vida dos entrevistados. Também em depoimentos individuais (p. 75), em lista de nomes de países sul-americanos que homenageiam personagens da História, outros inspirados em palavras indígenas ou em produtos abundantes na região (p. 102). E em texto baseado em “Estudo da USP

que mostra que, ao batizar os filhos, pai e mãe revelam as expectativas sobre a criança” (p. 74) entre outros. A motivação dos nomes é um aspecto da iconicidade que desperta a curiosidade, o interesse e a percepção da relação entre as palavras e a realidade.



(Ziraldo. O melhor do Menino Maluquinho. São Paulo, Publifolha, 1999. p. 7-12. v. 4 – trecho.)

Outros textos, compilados no livro ou indicados em suas páginas, enriquecem o conhecimento da classe e do valor semântico do substantivo-vo.

16. Conclusão

Reconhecer e valorizar o aspecto icônico do substantivo é fundamental para a compreensão do seu potencial semântico. É uma tarefa indispensável no ensino da gramática associada à interpretação e à produtividade das palavras na construção dos sentidos. Sem esse exercício, a leitura e a seleção vocabular na produção textual ficam empobrecidos.

Este estudo pode associar-se à exploração de outros aspectos da linguagem, como a construção da metáfora, a produção contextual dos sentidos, o neologismo semântico, os processos de produção das pala-

bras, a arbitrariedade e a motivação, os sentidos denotativo e conotativo, o valor atributivo dos nomes, os efeitos pragmáticos, discursivos e estilísticos do sentido, a construção do mundo por meio da linguagem, etc.

Se a escolha dos nomes se assemelha ao processo de produção da metáfora, é devido às qualidades-imagens que os nomes evocam, os quais condicionam e orientam essa escolha. Pelo seu aspecto sonoro, morfológico, sintático ou ideológico, dados culturais se fazem presentes e resultam no caráter simbólico do substantivo.

Professores e autores de livros didáticos preocupados com a produção de sentidos nos textos, seja pela via da leitura, seja pela produção textual, não se devem esquecer de explorar semanticamente a produtividade decorrente da escolha do substantivo nos textos – tendo em vista a iconicidade verbal como pista de leitura – como um exercício com a linguagem simbólica que envolve, basicamente, dois sistemas: o da denotação e o da conotação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Rev. do prof. Isaac Nicolau Salum. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. *Português: ideias e linguagens*, 6º ano. Rio de Janeiro: Saraiva, 2009.
- FREITAS, Maria Noêmi F. da C. *Cigarras, formigas, severinos & cia.: um olhar atento para a iconicidade do substantivo*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008, 2 vols.

SIMÕES, Darcilia. Leitura e produção de textos: Subsídios semióticos. In: VALENTE, André (Org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Iconicidade verbal: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.